SERMAM
DO ESPOSO
DA MÃY DE DEOS
SAM IOSEPH.

NO DIA DOS ANNOS

DELREY NOSSO SENHOR
DOM IOAM IV.
DE GLORIOSA MEMORIA.

Pregou o na Capella Real.

O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPAnhia de Iesv Prêgador de S. Mageſtade.

Com todas as Licenças neceſſarias.

EM COIMBRA.

Na Impreſſam de Thome Carualho Impreſſor da Vniuerſidade Anno de 1658.

52

Ioſeph fili Dauid noli timere. Matth. 1.

SONHOV Ioſeph (Muy altos & muy poderoſos Reys, & Senhores noſſos) ſonhou Ioſeph, o que depois foy Vizorey do Egypto, que o Sol, a Lua, as eſtrellas abatendo do Ceo â terra a Mageſtade luminoſa de ſeus reſplandores, humildemente poſtrados o adorauão. Quis interpretar eſte ſonho ſeu pai & diſſe, q̃ elle Iacob era o Sol, Rachel ſua eſpoſa a Lua, ſeus filhos deſda Rubẽ a Beniamin as eſtrellas, & q̃ viria tempo a Ioſeph, em q̃ Deos o leuãtaria a tão ſoberana fortuna q̃ ſeu meſmo pay, ſua mãy, & ſeus irmãos, cõ o juelho em terra o adoraſsẽ. Os Doutores cõmumente tẽ eſta interpretação do ſonho por verdadeira; mas o certo he que hũ Ioſeph foy o que ſonhou & outro Ioſeph foy o ſonhado. O Ioſeph que ſonhou foy Ioſeph o filho de Iacob; o Ioſeph ſonhado foy Ioſeph o eſpoſo de Maria. O Ioſeph filho de Iacob ſonhou ſomente; porque ainda que digamos, que em ſeu pay o adorou o Sol, & em ſeus irmãos as Eſtrellas, he certo que em Rachel ſua mãy lhe faltou a adoraçam da Lua, porque quando Iacob, & ſeus filhos adoraram a Ioſeph no Egypto ja era morta Rachel, & ficaua ſepultada em Belem. Segueſe logo, que o Ioſeph verdadeiramente ſonhado foy Ioſeph o eſpoſo de Maria, porque nelle ſe compriram cabalmente todas as partes do ſonho. Adorou a Ioſeph o Sol porque a titulo de ſogeiçam filial lhe guardou reuerencia, & acatamento o meſmo Sol de Iuſtiça CHRISTO: *& erat ſubditus illis*: adorou a Ioſeph a Lua, porque a titulo de verdadeira eſpoſa lhe deueo obediencia, & amor aquella ſenhora, que he como a Lua fermoza: *pulchra vt Luna*: adoraram a Ioſeph as Eſtrellas porque a titulo, ou reputaçam de pay de ſeu Meſtre o reſpeitaram com grande veneraçam os

Geneſ. 37.

Luc. 2.

Cant. 6

os Apostolos, aquelles de quem diz o Spirito Santo: *Fulgebant quasi stellæ in perpetuas æternitates.* Dan.12. E quando só à Virgem Maria adorasse a Ioseph seu esposo, nesta sò adoraçam se compria todo o sonho inteiramente; porque nella o adorava o Sol, nella a Lua, nella as estrellas: Apoc.12. o Sol, *Mulier amicta Sole*, a Lua, *Luna sub pedibus eius*, as estrellas, *& in capite eius corona duodecim Stellarum.*

Este he S. Ioseph, senhor, & este he o soberano Planeta, q̃ predominou neste fermozo dia, dia em que com o felicissimo nacimento de V. Mag. naceu outra ves aos Portuguezes a esperança, ao Reyno a liberdade, & Portugal a sy mesmo. Iusto era q̃ no nacimento de tão grande, & novo Rey melhorasse suas cõstellaçoẽs o Ceo, & lhe assistissẽ novos, & mayores Planetas. Nos nacimẽtos dos outros Principes & Monarchas do mundo, perdomina o Sol, ou perdomina a Lua, ou predomina algũa das Estrellas; mas neste nacimẽto singular, para q̃ fosse mais felice q̃ todas, predominou hum Planeta novo, & superior, aquẽ o Sol, aquẽ a Lua, aquẽ as estrellas adoraõ. Parecerà isto modo de fallar, & cõsideração só minha, mas he doutrina muy assentada, não menos q̃ desdo antiquissimo Tertuliano. Notou este grande Doutor, q̃ os Magos no nacimento de Christo naõ renũciaraõ a astrologia, mudaramna. Antes de Christo nacer observavãose as estrellas do Ceo, depois de seu nacimẽto observavãose as estrellas de Christo. *De Christo est Mathesis hodie, Stellas Christi non Saturni, & Martis observat.* Tertull. Parece q̃ para este dia forã cortadas estas palavras, *De Christo est Mathesis hodie*: a astrologia do dia de hoje he de Christo: *Stellas Christi non Saturni, & Martis observat*: nam observamos estrellas de Marte, ou de Saturno, cujos juizos saõ tam errados como fabulosos seus nomes; observamos hũa Estrella de Christo, Estrella aquem todas demais adorão, que he, não Ioseph o filho de Iacob, senão Ioseph o filho de David: *Ioseph fili David noli timere.*

Sendo pois tam superior a Estrella deste dia, sendo taõ

diuino o planeta deste nacimento, quaes seraõ, ou quaes seriaõ suas influencias? Ora eu para satisfazer a todas as obrigaçoens desta solemnidade, & para que com deuoto agradecimento conheçamos os Portuguezes o muyto, que deuemos ao diuino Esposo da Virgẽ, pretendo mostrar hoje com algũa euidencia, q̃ a liberdade a que este Reyno se restituio, & todos os bens, q̃ cõ ella gozamos, saõ & foraõ influencias de Sam Ioseph. Tudo o que auia mister, & tudo o que podia dezejar influyo neste seu dia a Portugal este soberano Planeta. Tudo o que Portugal hauia mister, & tudo o que podia dezejar era ser Reyno, & ter Rey. Porque ainda que na realidade hũa, & outra cousa tinhamos, nem o Reyno sem Rey era Reyno, nem o Rey sem Reyno, era Rey. Pois que fez neste seu dia Sam Ioseph? para que o Rey tiuesse Reyno influio ao Reyno restituição de liberdade. E para q̃ o Reyno tiuesse Rey influio ao Rey calidades, & perfeiçoẽs Reaes. Esta será a materia. Para fundamento, & proua de toda ella, não quero mais que ametade das palauras do thema: *Ioseph fili David.* Todas as palauras do Euãgelho seraõ proua destas duas: & estas duas palauras seraõ reposta de todas as duuidas do Euãgelho.

Ioseph fili David noli timere.

Estando cuydadoso, & affligido Sam Ioseph entre as perplexidades do Mysterio da Encarnação, cujos effeitos via, & cujas causas ignoraua, diz o nosso Euangelista, que lhe appareceu hum Anjo em sonhos, o qual lhe disse assi. *Ioseph fili David noli timere.* Ioseph filho de Dauid nam temas. Depois pode ser que pondere, o nam temas, & agora reparo somente no filho de Dauid. Filho de Dauid Ioseph a estas horas! com que fundamento? se a soberania daquella prosapia estaua ja tam enuelhecida, ou tam enuelhecida em Ioseph, que o sceptro Real de Dauid pella injuria, & inconstancia dos tẽpos tinha ja degenerado ẽ suas mãos a instrumẽtos

mecanicos, como lhe chama filho de Dauid o Anjo? chamelhe o que he, não lhe chame o que foy, que isso jà nam lembra. Sam Pedro Chrysologo respondeu a esta duuida com humas palauras, que sendo escritas em Italia ha oitocentos annos, parece, que se escreueram em Portugal de tres a esta parte. *Videtis fratres in persona genus vocari, videtis in vno totam prosapiam nuncupari, videtis in Ioseph seriem Dauidici stemmatis iam citari. Trigesima octaua generatione natus quomodo Dauid filius dicitur, nisi quia gentis aperitur arcanum, fides promissionis impletur.* Largas mas diuinas palauras! Chamou o Anjo a Sam Ioseph filho de Dauid sendo a trigessima oitaua geraçam daquelle Rey (dis Chrysologo) para que se lembrasse o Santo das profecias antigas, & entendesse q̃ o Reyno de Israel tiranizado pellos Romanos, em seus ditozos tempos se restituia a seu legitimo succeslor, conforme o juramento feito a el Rey Dauid primeiro fundador daquella Coroa: *Iurauit Dominus Dauid veritatem, & non frustrabitur eum de fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Donde he bem que notemos as palauras do juramento, nas quais diz Deos a Dauid, que o fruto do seu vẽtre se assẽtaria no trono Real de Iuda: *de fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Se Deos fallara com algũa Raynha parece, que estaua dito com propriedade: o fruto do teu ventre se tornarà a assentar no trono Real; mas fallãdo com hum Rey? fallando com Dauid? sy: porque como dizSanto Ireneo, Tertulliano, & Santo Agostinho, quis Deos significar, que quãdo o Reyno se restituisse hauia de ser preferindo a linha feminina â masculina, como verdadeiramente aconteceu, porque ainda que Ioseph, & Maria erão filhos de Dauid, Christo que foy o Rey prometido era filho de Dauid por Maria, & nam por Ioseph. O caso he tão semelhante ao do nosso Reyno, que não necessita de acomodaçam. De maneira que temos a restauração de hum Reyno tiranizado, restituido depois de muytas geraçoens a seu legitimo

Chrysol. *Iren.* *Tertulian.* *August.*

Senhor

Senhor preferindo na succes-
sam a linha feminina à mas-
culina, & tudo conforme as
profecias antigas, & juramé-
to do primeiro fundador do
Reyno. Ha propriedade mais
propria? pois estas foram as
primeiras influencias do nos-
so grande planeta. Para que
o Rey, que hoje nacia tiuesse
Reyno, influir ao Reyno resti
tuição de liberdade. E nin-
guem me diga que se nam
proua, que foram isto in-
fluencias suas; porque os Pla
netas quando dominam in-
fluem conforme suas calida-
des, & sendo este o dia, & es-
tas as calidades de Sam Io-
seph, nam se pode negar que
foram estas suas influencias.

Esta he a primeira razam
do *fili Dauid*. Para a segunda
deficulto as mesmas palauras
com diuersa ponderaçam.
Este Anjo que aqui apareceo
a Sam Ioseph, tornoulhe a
apparecer outras tres vezes:
appareceulhe em Belem quã-
do lhe notificou que se des-
terrasse para Egypto: appare-
ceulhe em Egypto quando o
Matth. 2. auisou da morte de Herodes:
appareceulhe no caminho de
Iudea, quando o asegurou, q̃
podia ir viuer a Nazareth; & Num. 19.
de todas estas vezes nenhuma
lemos que lhe chamasse filho
de Dauid. Pois se este titulo
de filho de Dauid o nam dá o Num. 22.
Anjo em nenhuma outra oc-
casião a Sam Ioseph, neste ca
so de sua perplexidade porq̃
lhe chama Ioseph filho de
Dauid: *Ioseph fili Dauid noli
timere*? Varias razoens dão os
Santos, eu darei tambem a
minha, porque a quero pro-
uar. Chamou o Anjo a Sam
Ioseph nesta occasiam filho
de Dauid; porque se ouue o
Santo nesta tam dificultosa
acção cõ tanta realeza de ani
mo, que bem mostraua, que
ainda que a fortuna lhe tirara
a coroa da cabeça, tinha muy
to de Rey no coração. Cha-
moulhe filho de Rey, porque
vio que se portara muyto
como Rey. Esta foy a segunda
influencia, que diziamos do
nosso Planeta Ioseph neste
seu dia. Para, que o Rey-
no tiuesse Rey influir ao Rey
calidades, & perfeiçoens Re-
ais. Bem conheço que parece
cousa dificultosa na acção de
huns ciumes formar a idea
de hum Principe prefeito,
mas o discurso me desempe-

nhará, & não nos ha de desajudar o Euangelho. Vamos cõ elle.

Ioseph autem cũ esset vir iustus, & nollet eã traducere voluit occulte dimittere eam. Diz o Euangelista, q̃ vendo Saõ Ioseph os indicios tão manifestos da Conceiçaõ de sua esposa, que como fossa varaõ iusto, & a não quisesse entregar â justiça, para q̃ a castigasse conforme a ley. Aqui reparo, antes de ir mais por diante. Hũa grãde implicaçaõ parece que tem este texto. Que quer dizer, que a não quis entregar à Iustiçà porque era justo? se dissera q̃ a não quis entregar â Iustiça porque era piadoso, então parece que estaua mais propriamente aduertido. Perdoar, não acusar sâm actos de piedade, nam saõ actos de Iustiça. Pois porq̃ troca o Euangelista os termos, & enues de chamar a Ioseph piadoso lhe chama justo: *Ioseph autem cum esset vir iustus?* Chamà o Euangelista a S.Ioseph, justo, quando fazia hũa tão grande acção de piedade; porque como Ioseph tinha tanto de Rey, *Ioseph fili Dauid*, tinha obrigação de Iustiça a ser piadozo; & quẽ tem obrigação de Iustiça a ser piadoso, quando he piadozo he justo. A piedade nos outros homens he piedade, no Principe he Iustiça.

Quiz o bom Ladraõ q̃ vsasse Christo cõ elle de piedade, & disse assi: *Domine memento mei cum veneris in Regnum tuum.* Senhor lembraiuos de my depois que chegares ao vosso Reyno. Depois que chegares! & antes porque nam? Aquem tanto padecia nam lhe estaua milhor o socorro antes mais cedo, que mais tarde? si estaua. Pois porque não dis lébraiuos, Senhor, de mi agora, senam depois de chegares a vosso Reyno? A razão foy, dis Sam Chrisostomo, porque a lembrança, & piedade, que o ladrão pedia antes de Christo ser Rey era fauor, que lhe podia fazer; depois de ser Rey, era Iustiça, que lhe podia negar. Foi tã astuto requerente o ladrão, que sendo a sua petição de misericordia, quis q̃ fosse o seu despacho de Iustiça, & como os Reys tem obrigação de Iustiça a ser piadosos, por isso disse lembraiuos, Se-

Chrysost.

nhor,

nhor, de my, nam antes, senão depois de vires ao vosso Reyno, porque a mesma piedade que antes de Christo ser Rey era piedade, depois de ser Rey era Iustiça. He verdade que a miseria, que o ladrão padecia era prezente: mas como a mizericordia, que esperaua, antes de Christo Reynar, era voluntaria, & depois de reynar, deuida; por isso regulou sabiamente o seu requerimento, não pelo tempo, em que experimenta em sy a necessidade, senão para o tẽpo, em q̃ considerava em Christo a obrigação. *Cum veneris in Regnum tuũ.* Não peço a piedade para agora, senão para depois que estiueres no vosso Reyno; porque ainda que eu a não mereço agora, por ser culpado, vos ma deuereis depois por seres Rey. E Christo que ja na Cruz era Rey, & Christo que ja na Cruz estaua no seu Reyno, que he o que fez? *Hodie mecum eris in paradiso.* O ladraõ pedia a piedade para depois, porq̃ cuidaua q̃ Christo ainda não era Rey, & Christo concedeulhe a piedade logo, para mostrar q̃ ia o era. Hoje, hoje estaras comigo no paraizo. Como se dissera o senhor. Pedesme piedade a titulo de Rey, pois ja ta dou, porque ja ta deuo; Rey sou. E se a piedade nos Reys he diuida, se a piedade nos Reys he justiça: que muito que se chama justo, quando foi piadozo, quem tinha tanto de Rey como Ioseph? *Ioseph fili David.* Sendo piadoso foi justo, porque perdoando a offensa, q̃ sospeitaua, pagou o q̃ deuia aquẽ era. O perdã de sua espoza, foraõ obrigaçoẽs de seu pay: *Ioseph fili David.*

Et nollet eam traducere, voluit dimittere eã. Não a quis entregar à Iustiça, quis deixala, & irse. A segunda cousa em q̃ S. Ioseph mostrou ser filho de David, foy aquelle *nollet*, & aquelle *voluit.* Quis deixala, & nam a quis entregar: Quis, & nam quis? O quanto tẽdes de Rey, diuino Ioseph! Em nenhũa cousa se mostra mais o ser de Rey, que em ter querer, & ter não querer. A liberdade da võtade humana, como dizem os Theologos, consiste em hũa indiferença, que se chama quero, ou nam quero. Tal ha de ser a võtade Real: liure, & não sogeita. O

Principe nem ha de ter a sua vontade sogeita a outrem, nem ha de estar sogeito â sua vontade. Se tem a sua vontade sogeita a outrem, nam he Rey dos seus, se està sogeito à sua vontade, não he Rey de sy. Pois para reynar sobre sy, & sobre os seus, ha de ter a vontade em huma indifferença tam liure, & tam senhora, que seja seu o querer, & seu o nam querer: *nollet voluit.*

Quis Deos tirar o Reyno a Saul, & sendo que tinha Saul a Ionatas seu filho herdeiro, nam deu Deos o Reyno a Ionatas, senão a Dauid. Pois porque rezão a Dauid, & nam a Ionatas? Ionatas era hum Principe muyto generozo, muyto liberal, muyto benigno, muyto esforçado, & sobre tudo era filho herdeiro de hum Rey, que para o respeito dos vassallos importa muyto. Dauid pello contrario era hum pastor filho de outro de quem se nam sabiam mais talentos que atirar huma funda, & tocar hũa arpa. Pois porque deserda Deos a Ionatas, & da a Coroa a Dauid? Eu o direi. Diz o texto fallando de Dauid, & de Ionatas: *Anima Ionatæ conglutinata est animæ Dauid:* que alma de Ionatas se atou a alma de Dauid. De sorte q̃ ainda que ambas as almas estauão atadas, a que se atou foi a de Ionatas a Dauid, & não a de Dauid a Ionatas. Aduirtioo agudamente S. Gregorio Taumaturgo. *Vincula inferre præstantioris erat, non inferioris, agglutinari autem deterioris. Ita quidem vt vinculis expedire se quodam modo nõ posset.* E como Ionatas se atou a Dauid, & Dauid a Ionatas nam; por isso tira Deos a Coroa da cabeça a Ionatas, & mete na mam o sceptro a Dauid. Porque o Principe, como Ionatas, que ata a sua vontade á vontade do vassallo, tem talento de vassallo, nam tem talento de Rey: & vassallo, como Dauid, q̃ nam sabe atar a sua vontade, â vontade doutrem, ainda que seja hum Principe, este tem talento de Rey, nam tem talento de vassallo. E como Deos reparte os officios conforme os talentos, & nam conforme as calidades; seja vassallo o Principe Ionatas, seja Rey o pastor

1.Reg.18

Gregor. Taum.

pastor David. Rey que tenha a võtade atada a outrem não fas isso Deos.

E porque rezam importa tanto, que o Principe não seja sogeito â vontade alhea? Por duas razoens; hũa da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey, porq̃ não he Rey, he subdito: da parte do Reyno, porque não he Reyno, he confusam, Comessemos per este segundo.

Quando o Sol parou âs vozes de Iosuè, aconteceram no mundo todas aquellas consequencias, que, parando o mouimento celeste, considéraõ os Filosophos. As plantas por todo aquelle tempo não cresserão: as calidades dos elementos, & dos mistos não se alteraraõ: a geraçaõ, & corrupçaõ, cõque se conserua o mundo, cessou, as artes, & os exercicios humanos de hum, & outro emisferio estiueraõ suspensos: os antipodas não trabalhauão, porque lhe faltaua a lus: os de cima cansados de tam comprido dia deixauão o trabalho: estes pasmados de verem o Sol que se não mouia: aquelles tambem pasmados de esperarem pello Sol, q̃ não chegaua: cuidauão, q̃ se acabara para elles a luz: imaginauão que se acabaua o mundo: tudo erão lagrimas, tudo assombros, tudo horrores, tudo confusoens. Que he isto? quem desordenou a compostura do Vniuerso? quem descompos a armonia da natureza? donde tanta desordem, donde tanta confusão ao mundo? Sabeis donde? A escritura o disse em duas palauras. *Obediẽte Domino voci hominis*: obedecendo Deos a voz de hũ homen. E em hum mundo onde Iosue manda, & Deus obedece: em hum mũdo onde manda o criado, que auia de obedecer, & obedece o Senhor q̃ auia de mandar; que muyto que aja confusoens, que aja desordens, que aja descomposturas: que muyto q̃ nada creça, que nada se obre, que tudo vâ para tras: que muyto que os de cima triumfem, & os debaixo chorẽ: & q̃ nacẽdo o Sol para todos, os de cima leuẽ todas as luzes, & os debaixo todas as treuas? Iosue 10

Com grandes exemplos destes se tem infamado o mũdo em todas as idades, & sem

pedir-

pedirmos aos seculos passados as memorias de Galba, nem de Tiberio os nossos olhos sam boas testemunhas. Nós o vimos,& nós o vemos. Pergunto,Portuguezes, vós que vistes o que padecestes, vos que vedes oque gozais, donde veo tanta differença em tam poucos annos? A differença não a pondero, porque a vem os olhos; a causa porque a vem, he só o que pergunto. Sabeis porque? porque então tinhamos hũ Rey sogeito a hũa vontade alhea, hoje temos hum Rey Senhor das vontades alheas & mais da sua: entam tinhamos hum Rey catiuo, hoje temos hum Rey obedecido: então tinhamos hum Rey senhoreado, hoje temos hum Rey senhor. Esta he a differença. Rey senhor digo (& he a segunda rezam) porque o Rey sogeito a vontade alhea nam he senhor. He Rey subdito, he Rey não Rey.

Quando Christo foi leuado ante Pilatos, perguntou elle aos ministros daquella Iustiça: *quid vultis faciam de* Marc. 15. *Rege Iudeorum?* que quereis q̃ faça do Rey dos Iudeos? Responderão os Escribas, & Fariseus: *tolle, tolle crucifige eum*; queremos que o crucifiqueis. E que fes Pilatos? *Tradidit eũ voluntati eorum*: entregouo a Ioan. 19 vontade delles. Porgunto agora, quem fes mayor injuria Luc. 23. a Christo em quanto Rey do Iudeos, os Escribas, & Fariseus na sua petição, ou Pilatos na sua permissam? os Escribas em o pedirem para a Cruz, ou Pilatos em o entregar â sua vontade? Todos os Doutores cõmumente condenão mais a Pilatos,& com muyta razão. Muyto mayor injuria fes Pilatos a Christo em sua permissam do que os Fariseus em sua petição. Porque os Fariseus no que pedião, mostrauão que Christo era verdadeiro Rey,& Pilatos no que permitia mostraua, q̃ Christo não era Rey verdadeiro. Os Fariseus mostrauão, q̃ era Rey verdadeiro, porque pediam a Christo para a Cruz & não ha mayor proua de ser verdadeiro Rey, que chegar a dar o sangue, & a vida por seus vassallos. E Pilatos no q̃ permitia mostraua, que nam era Rey verdadeiro, porque entregou a Christo à vontade

de dos seus, & não ha melhor proua de não ser verdadeiro Rey, que ser Rey entregue a vontade alhea: *Tradidit eum voluntati eorum.* E se não vejamos o que se seguio. Tanto que Pilatos entregou a Christo a vontade delles, immediatamente o vestiram de hũa purpura de farça deramlhe hum sceptro de cana, puzeramlhe hũa coroa de espinhos, & faziamlhe grandes adoraçoẽs zombando: *illudebant ei dicentes, Aue Rex Iudaeorum.* Demaneira que antes de Christo estar sogeito à vontade alhea, ainda em suas bocas, era verdadeiro Rey: *Quid vultis faciam de Rege Iudaeorum?* Mas tanto que o entregaram a vontade alhea, logo foy Rey de força, & de zõbaria: *illudebant ei dicentes Aue Rex Iudaeorũ.* Rey entregue a võtade doutrẽ, terà purpura, terà sceptro, terà coroa, terà adoraçoẽs, mas a purpura não he purpura, o sceptro he cana, a Coroa espinhos as adoraçoẽs zõbarias: *Illudebat ei dicentes Aue Rex Iudaeorũ.* E como he tam grande calidade de Rey ter a vontade sua, & não sogeita; por isso o Anjo chamou a Sam Ioseph filho del-Rey David, quãdo o vio tão isento senhor de sua võtade, q̃ era seu o querer, & o não querer: *cum nollet eam traducere voluit dimittere eam.*

Math. 27

Haec autem eo cogitante. Resoluto S. Ioseph a deixar sua esposa, diz o texto, q̃ andaua o Sãto considerando: *Haec autẽ eo cogitante.* Esta consideração de S. Ioseph me da muyto q̃ cõsiderar, & q̃ reparar. Não estaua ja o Sãto deliberado & resoluto? Sy estaua; que isso quer dizer aquelle: *voluit:* deliberaçãc da võtade. Pois se a võtade estaua deliberada, & resoluta, que he o que cõsideraua Ioseph? Considerar antes de resoluer isso fazem, ou deuẽ fazer todos, mas depois de resoluer considerar ainda? Sy. Porque as materias de grande importancia (qual esta era) hamse de considerar antes, & mais depois. Antes de resoluer hase de considerar o caso, depois de resoluer hase de considerar a resolução. Esta differença acho entre a Filosophia natural, & a moral, & politica; que a Filosophia natural pede hum conhecimẽto antes da delibera-

Prolog. ção: *Nihil volitum quin præcognitum*; a Filosophia moral, & politica pede hum conhecimẽto antes, & outro depois: hum conhecimento antes que guie a vontade a tomar a resolução, & outro conhecimento depois, que examine a resolução depois de tomada. Assi o fes Sam Ioseph. Conheceu, & considerou primeiro, & logo resolueo: *voluit*; & depois de resoluto, deliberado tornou ainda a cõsiderar: *Hæc autẽ eo cogitante*.

Peccou Adam, escondesse, & antes de Deos lhe notificar a sentença de desterro, diz o texto, que andaua o Senhor passeando, & fallando consigo no Paraizo: *Audiuit* Genes 3. *vocem Dei deambulantis*. As vozes, & os passeos tudo era improprio em Deos; porque o fallar consigo encontraua o attributo de sua Sabedoria, & o passear de hũa parte para a outra encontraua o attributo de sua immensidade, & immutabilidade. Pois q̃ obriga a Deos a fallar consigo contra o attributo de infinitamente sabio? que obriga a Deos a passear de hũa para outra parte, cõtra o attributo de immutauel, ou immouel? Se vinha castigar a Adã, porque o não castiga? Se vinha desterralo do Paraiso, porque o não desterra? Porque? Porque era materia grande, & quila Deos cõsiderar primeiro. Por isso passeaua só, como pẽsatiuo: por isso falaua consigo, como irresoluto. Procedeu Deos em desfazer o homem, como auia procedido em o fazer. Quando o fes, felo com cõselho: *Faciamus hominẽ*: quãdo o desfes, desfelo cõ cõsideração: *Audiuit vocẽ Dei deambulantis*. Passear Deos de hũa parte para outra parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era senão hõra. Com Deos ser por natureza immouel, & immudauel, honrase muyto de auer hũa cousa, que o possa mudar, & mouer, que he a razaõ. E como no caso de Adam hauia razoẽs por hũa, & outra parte, por isso passeaua Deos, & se mouia de hũa parte para a outra porque de hũa, & outra parte hauia razoẽs, que o mouessem. As razoẽs, que hauia para castigar o leuauão: as razoẽs, que hauia para perdoar, o traziam. Que me desobedecesse

cesse

cesse Adam! Hei de castiga-lo. Esta razam o leuaua. Que haja de deitar do Paraiso hũ homem, que ainda agora pus nelle! Não o hei de castigar. Esta razão o trazia. Fazer hũ homem de nada, foy credito de minha bondade: desfaze-lo por pouco mais de nada, por huma maçam, parece demasiado rigor de minha justiça. Ora perdoolhe. Viraua Deos o passeo. Mas que hum homem leuantado de nada se atreuesse contra quem o criou! he grande soberba! E que hum homem por pouco mais de nada, por hũa maçã, arrastasse tantos! he grande engratidão. Não lhe hei de perdoar. Tornaua a voltar Deos, & ir por diante. De maneira que asi andaua o Supremo Rey, como fluctuando de hũa razão, para outra, considerando antes de resoluer, & depois de resoluer tornando a considerar. Bem asi como Sam Ioseph neste cazo. Hũa vez sobre considerado resoluto, & outra vez sobre resoluto considerado: *Hac autẽ eo cogitante.*

Se fora noutra materia não me espãtara muyto, mas em materia de ciumes, em materia, em que lhe não hia menos que honra, & amor, q̃ não se arrojase Ioseph, q̃ não se precipitasse! grande capacidade de animo. La diz Christo que se hum cego guia outro cego ambos se despenhão: *Cæcus si cæco ducatum præstet, non ne ambo in foueam cadent?* Matth. 15 Aqui guiou hum cego a outro cego, & não se despenhou nenhum. O ciume guiaua a Ioseph, o amor guiaua o ciume, & sendo cego o ciume, & cego o amor, não forão bastantes dous affectos cegos & tam cegos para que a prudencia de Sam Ioseph se precipitasse. Disse affectos cegos, & tam cegos, porque os ciumes de Sam Ioseph erão fundados nas euidencias do que vira, & não ha mais perigosas cegueiras, que as que tem da sua parte os olhos. Dous olhos, & dous cegos guiauão a Ioseph neste cazo, ó que occasiam para hum precipicio! & que elle se tiuesse tão firme nos estribos de sua prudencia; que nem a vista lhe deslumbrasse a cegueira, nem a cegueira lhe escurecesse a vista, para que se arrojasse! grande

valor.

valor. Mas era Ioseph filho de David, & quem tinha tanto de Rey, como avia de ser arrojado?

Quizerão matar a Christo os de Cafarnaum, & com este intento o levarão a hum monte alto, para dahi o despenharem. Que faria Christo neste passo? Fesse invisivel; & passando oculto pelo meyo delles, escapou de suas mãos. Senhor, que resolução he esta? Vos nam viestes ao mundo a morrer pelos homens? Si

Luc. 4. viestes. Morrer a mãos dos mesmos, por quem se morre, ainda he mayor credito do amor; que seja o instrumento quem he a causa. Pois se tẽdes tão boa occasião de dar a vida, porque a nam lograis? Porque fogis da morte? Direi. Christo Senhor nosso no dia de sua morte tinha determinado tomar o titulo de Rey, de que na vida fogira: estes homens queriam no matar arrojandoo de hum mõte abaixo: *Vt praecipitarent eum*; pois por isso o Senhor ainda que dezejasse muyto morrer, não admitio este genero de morte: porque não dizia bem a acção de arrojado com o titulo de Rey. Rey, & crucificado, isso sy: que assas cruz, he o Reynar; mas Rey & arrojado não: porque encõtra o titulo dessa Cruz. Lâ outra vez o diabo aconselhou a Christo que se arrojasse elle: *mitte te deorsum*. Estes homens aqui quiserão no arrojar cõ suas mãos: *vt praecipitarent eum*. Mas Christo, nẽ se sogeitou a esta violencia, nem quis tomar aquelle conselho; porque o Principe, nẽ se ha de arrojar a sy, nem o ha de arrojar outrem. Nem por impeto proprio, nem por impulso alheo. E como he tão grande parte de Rey não ser arrojado, por isso S. Ioseph o foy tão pouco nesta occasião, que o achou o Anjo temeroso, quãdo o pudera achar temerario. *Ioseph fili David noli timere*. O que glorioso nam temas! que deção Anjos a socegar temores em lanço, q̃ deverão decer a resistir temeridades? Mas assi obra quem assi considera, & assi considera, quem he filho de David. *Haec autem eo cogitante*. Math. 4.

Ia reparamos no *cogitante*, reparemos agora no, *Eo. Haec autẽ (eo) cogitãte*. Com ser hũa pala-

palaura de sós duas letras, tẽ muyto que reparar. Diz o Euangelista, que as consideraçoẽs, que Ioseph fazia sobre este cazo, elle as discorria consigo: *eo*, elle. Muito pondera Euthimio que as nam communicasse com outrem, & tem razaõ. Porq̃ o cuidado & affliçaõ de S. Ioseph auia mister aliuio, & remedio, o aliuio estaua na cõmunicação, o remedio no conselho: pois porque se não aconselha S. Ioseph num caso tam duuidoso, porque o não communica com outrem? Porque em materias grãdes (como era esta) muytas vezes importa mais o segredo, q̃ a resoluçaõ. E negocio em que importaua tãto o segredo, não fora S. Ioseph filho de Dauid se a communicara com outrem. Materias em que pode ser perigosa a falta do segredo, não haõ de sair do peito do Principe nẽ para mayor valido, nem para o mayor confidente, nem para o mayor amigo.

Euth.

He certo, que perguntou S. Ioaõ a Christo quem era o traidor, que o auia de entregar: he certo que Christo lhe respondeo: he certo q̃ dormio reclinado em seu peito Sam Ioaõ; mas não he certo quando adormeceo. Pergunto, em q̃ ponto adormeceo S. Ioaõ? Dizem algũs Doutores, que adormeceo tanto, que acabou de perguntar; de maneira, q̃ quando Christo respondeo, jâ S. Ioaõ estaua dormindo. Fũdaõ este parecer no texto; porque diz absolutamente que nenhũ dos q̃ estauão â mesa soube o que Christo disse. *Hoc autem nemo sciuit discumbentium.* Se nenhum: logo nẽ S. Ioaõ. E se Sam Ioaõ, a quẽ se disse, o não ouuio, logo jâ estaua dormindo. Pois que mysterio teue este sono subito? Que em tal occasiam não podia ser a caso. Porque adormeceo S. Ioaõ â reposta de Christo? O mysterio foy este. Viose Christo Senhor nosso naquella ocasiaõ como em talas constrãgido a faltar a hũa de duas: ou ao respeito de amigo, ou a obrigação de Rey. Senão digo a Ioaõ o que me pergunta, falto aos respeitos de amigo: se descubro hũ segredo de tanta importancia falto ás obrigaçoẽs de Rey: pois que remedio para não faltar ao amor, nem ao segre-

Ioan. 13.

do? remedio foy, ordenar Christo,que S.Ioaõ adormecesse, tanto que perguntou, para que não pudesse ouuir o mesmo q̃ lhe respõdia. E desta maneira ficou o Senhor satisfazẽdo jũtamẽte as obrigaçoẽs de Rey, & aos respeitos de amigo: aos respeitos de amigo,porque respõdeo ao q̃ Ioaõ lhe perguntara: & as obrigaçoẽs de Rey,porque não communicou o que conuinha encobrirse. De sorte que na boca de Christo, & nos ouuidos de S.Ioaõ esteue o segredo jũtamente encuberto, & reuellado: Reuellado na boca de Christo,como segredo de amigo; encuberto nos ouuidos de S.Ioaõ, como segrede de Rey. Tanto deuẽ os Principes recatar algum segredo,ainda dos mayores priuados, qual era S. Ioam. E senão considerẽse os inconuenientes que do contrario se seguiam. Se o Senhor descubria o segredo a Ioaõ, Ioaõ auiao de dizer a Pedro,q̃ para isso o pergũtaua:se Ioaõ o dizia a Pedro,Pedro auia de matar a Iudas,q̃ a esse fim o queria conhecer:se Pedro mataua a Iudas,não se executaua a véda,& morte de Christo: & não morrendo Christo ficaua impedido o remedio do mundo,o genero humano sẽ redẽção, & o imperio do mesmo Christo frustrado. Ha mayores incõuenientes? De maneira,q̃ de se conseruar aquelle segredo, q̃ não parecia nada dependeo a conseruaçam do imperio de Christo. Não importa menos hum segredo que hum imperio.

Sic Chrys.

Tanto que Christo espirou, rasgouse o vèo do templo, em sinal de que tambem a sinagoga espiraua,& se acabaua a Monarchia Hebrea. Assi o dizẽ todos os Doutores; mas eu replico. O sinal sempre ha de ter proporção com o que significa,& muita,se he natural:pois que proporção tinha rasgarse o vèo do templo cõ se auer de acabar o imperio da Sinagoga? Grande proporção diz Sam Leão Papa: *Sacrum illud mysticumque secretũ,quod solus Summus Pontifex iussus fuerat intrare,reseratũ est.* Aquelle vèo do tẽplo era a cortina que cobria o Sanctasanctorum, onde estauão escondidos os secretos, & mysterios dequella ley,

Math. 27

Leon. Pap.

veda-

vedados a todos,& sô ao Sũmo Sacerdotes permitidos:& por isso tinha grãde proporção rasgarse o vêo do tẽplo para sinificar q̃ se acabaua a Sinagoga; porq̃ não ha mais proprio final de se acabar hũ imperio, hũa monarchia, que romperemse as cortinas dos seus mysterios, & rasgaremse os veos de seus segredos. Os Reynos, & as monarchias sustentamse mais do mysterioso, que do verdadeiro: & se se manifestam seus mysterios, mal os defendẽ suas verdades A opinião he a vida dos imperios, o segredo he a alma da opinião. A preuenção sabida ameaça hũa sô parte, secreta ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendẽ a attẽção do inimigo, manifestos saõ a guia mais segura de seus acertos. Reyno cujas resoluçoẽs primeiro forẽ publicas, q̃ executadas, ó que perigosa conjeitura tẽ da sua conseruação!

Que bẽ entendia esta politica elRey Dauid. Leuantouse Absalão com o Reyno, começou a fazer grandes leuas de gente, grandes exercitos contra Dauid; & Dauid q̃ faria cõtra Absalã? Chamou Chusay hum grande seu conselheiro, disselhe, que se passasse a confidencia de Absalão, & como fosse admitido aos conselhos, lhe reuelasse, por vias ocultas, tudo o que lâ passasse: *Omne verbũ quodcumq̃, audieris de domo regis indicabis.* Isto fez Dauid, & não fez mais. Pois Dauid; se vem contra vós tão numerosos exercitos de Absalão, porque não fazeis tambem exercito? E jà que vos descuidais destas preuençoẽs, a que fim mandais lá Chusay? Que ha de fazer hum homẽ cõtra Absalão? Obrou Dauid como soldado tão experimentado, & como Rey tão politico. Querẽdose opor ao poder de Absalão, tratou sobre tudo de lhe meter hum confidente seu no conselho, porque entendeo que mayor guerra fazia a Absalão cõ hũ homẽ q̃ lhe rõpesse os seus segredos, q̃ com muitos mil homẽs, q̃ lhe rompessem os exercitos. Hum exercito roto podese refazer; mas hum segredo roto não se pode remediar. Hũ exercito roto podese refazer com soldados hum segredo roto não se

2.Reg. 15

Iudic. 16. se pode soldàr com exercitos. Qual quer grande poder sem segredo he fraqueza: & a mesma fraqueza cõ segredo he grande poder. Em quanto Sansam encobrio o segredo de seus cabellos, destruio exercitos inteiros; como descubrio o segredo a Dalida cortaramlhe os cabellos os Filisteus, & poderão atar aquellas valentes mãos, de quem tantas vezes forão vencidos. O q̃ grande exemplo do poder do segrèdo! De maneira que sete cabellos com segredo, faziaõ tremer exercitos armados; & esse mesmo poder que fazia tremer exercitos armados, sẽ segredo, bastou hũ golpe de hũa tesoura para o desbaratar. Por isso Dauid contra Absalão tratou de lhe conquistar os segredos, não de lhe vencer os exercitos. E se tanta estimaçaõ fazia de hũ segredo Dauid, porq̃ era Rey, que muito que fizesse tãta estimaçaõ do segredo Ioseph, porque era filho de Dauid? *Ioseph fili David.*

Fez tão grande estimaçam do segredo S. Ioseph, q̃ nam sómente o não fiou de outrem, mas tambem não o fiou de si. Para bem se guardar o segredo, não só o auemos de recatar dos outros, mas tambem o auemos de recatar dè nós. O meu segredo ha o de saber algũa parte de mi, mas todo eu não o hei de saber. Hei de fazer hum repartimẽto entre eu, & mi, & se o souber a metade de mi, não o ha de saber a outra ametade. Parece doutrina paradoxa, & he conselho expresso de Christo. *Cum facis eleemosinam nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua:* Quando fizeres algũa esmolla com a maõ direita, nam o saiba a maõ esquerda. Matth. 6. Pergunto; & porque nam disse Christo, quando fizeres algũa esmolla com a maõ esquerda, não o saiba a maõ direita? Porq̃ a maõ direita he mais nobre, a maõ esquerda menos: & da mais nobre fiou Christo a liberalidade, da menos nobre desconfiou o segredo. O segredo a ninguem; mas auendo de ser, âs mayores calidades. Diz, pois, Christo: O que souber a maõ direita, nam o sabia a esquerda. Como se dissera: Aueis de fazer hum repartimento entre vós, & vós, & o segredo

que souber aquella ametade que chega da mão direita atè o coraçam, nam o saiba a outra ametade, que chega do coraçam atè a mão esquerda. Assi o fez Sam Ioseph. O seu segredo sabia o parte de Sam Ioseph; mas todo Sam Ioseph nam o sabia. Sabia o a parte mais nobre da alma, cõ suas potẽcias; mas não o sabia a parte menos nobre do corpo cõ seus sẽtidos. Sabiaõ as potencias da alma, porque o sabia a vontade, *Noluit*, & o entendimento, *Cogitante*; mas nam o sabiam os sentidos do corpo, porque nẽ a boca o pronũciou, nẽ os olhos o significaram, nem em outro algum sentido se vio indicio. Donde se verà a razam porque o Anjo appareceo a Sam Ioseph em sonhos: *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E porque não acordado, senam dormindo? Porque como Sam Ioseph fiara o segredo só às potencias da alma, & não aos sentidos do corpo, aguardou o Anjo a que os sentidos estiuessẽ dormindo para acudir ao remedio, sem violar o segredo. *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph quod nulli fuerat confessus sed inclusum tantum modo mente voluebat*; disse aduertidamẽte S. Ioaõ Chrysostomo.

Chrysost.

Tanto recato guardou Sam Ioseph, & tanto respeito o Anjo a hum segredo.

Haec autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph. Estando Saõ Ioseph cuidando nestas cousas appareceolhe hum Anjo em sonhos, diz o Euangelista. Notauel consequencia! Se sonhaua, logo dormia, & se dormia como cuidaua? Dormir, & cuidar juntamente, parece que nam pode ser. Pois se estaua cuidando: *Haec autem eo cogitante*; como estaua juntamẽte dormindo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph?* Dormia, & mais cuidaua Sam Ioseph, porque era filho de Dauid. Esta differença faz o sono dos Principes ao dos outros homens; que os Reys cuidã dormindo, & dormem cuidando. O sono dos Reys he hum sono desuelado, he hum dormir cuidadoso, hum descançar inquieto, hum desatender aduertido, hum descuidarse vigiando. Nos outros homens sono he prisam,

dos sentidos; nos Reys he dissimulação sómente. Por isso aó Leaó lhe deram o Imperio dos Animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe nam fizesse centinella o coraçam. *Ego dormio, & cor meum vigilat:* dizia o Rey mais sabio.

Genes. 42. Dormindo estaua Faraó quãdo vio aquelle sonho admirauel das sete vacas fracas, q̃ comião as sete robustas, em q̃ se significauão os sete annos de fartura, & os outros sete de fome, q̃ auiam de succeder no Egypto. Era Rey, por isso lhe inquietauam o sono estes cuidados. Quatorze annos antes leuaua Pharaó adiantado o gouerno de seus vassallos, & já entam sonhaua cõ seus bẽs, & o desuellauão seus males. Isto he dormir como Rey. Nos outros homẽs, o sono he hũa morte: nos Principes o sono sam duas vidas. Pharaó acordado viuia no tẽpo presente, dormindo viuia no presente, & mais no futuro: no presente por duraçã, no futuro por cuidado. Mais via Pharaó dormindo com os olhos fechados, que acordado com os olhos abertos: acordado com os olhos abertos via o que já era, dormindo cõ os olhos fechados, via o q̃ ainda não era, só porque auia de ser. Fechou os olhos para dobrar a esfera da vista. Cõ os olhos abertos via poucos espaços de lugar, com os olhos fechados alcançaua grandes distancias de tempo. Assi dormia o Rey do Egypto Pharaó. E o Rey dos Assirios Nabuco como dormia? *Dan. 2.* Dormia sonhando com o seu Reyno, & com os estranhos. Vio Nabucodonosor aquella prodigiosa estatua, que represẽtaua os quatro Imperios dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, & dos Romanos; o corpo estaua descuidado, cõ os sentidos presos, & a alma andaua cuidadosa, leuãtado, & derrubando estatuas, fantasiando Reynos, & Monarchias. Mais fazia Nabucodonosor dormindo, que acordado: porque acordado cuidaua no gouerno de hũ Reyno, & dormindo imaginaua na successaõ de quatro. Pois se Nabuco era Rey dos Assirios, quem o metia com o Imperio dos Persas, com o dos Gregos,

gos, com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio que tinha. Era Rey, & quem quer conseruar o Reyno proprio ha de sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio ha ter cuydado, & os Reynos alheos lhe hão de dar cuidado. Ninguem gouernou bem o seu Reyno, que não attendese ao gouerno de todos. O bom Rey tem por esfera o mundo. He Rey do seu Reyno pelo dominio, & Rey de todos os Reynos pelo cuidado. E como o dormir, & o cuydar não he contrariedade nos Reys, senão natureza, ou obrigaçam quando menos; tendo Sam Ioseph tanto de Rey, nam he muyto que estiuesse cuydando, & dormindo juntamente. *Hac autem eo cogitante ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.*

Ora eu nam me espanto tãto de que Sam Ioseph dormindo cuidasse, senão de que cuidando dormisse. Que dormindo pudesse ter tais cuydados não me espanta, mas que tendo tais cuydados pudesse dormir, isto me admira. O certo he que tanto mostrou Sam Ioseph a realeza de seu animo em domindo poder ter mais cuydados, como em tendo tais cuydados poder dormir. No meio dos maiores cuydados ter magnamidade de coraçam para dar algũ aliuio aos sentidos, tambem he parte de Rey.

Transfigurouse Christo no monte Thabor, dando hũ bom dia a sua humanidade sagrada, o melhor que nesta vida teue; acçam em que sempre reparei muyto, não tanto pelo descostume, quando pelo tempo. O tempo em que Christo se transfigurou foy quando trazia mais entre mãos os negocios da redempção do mundo, & andaua em vesporas de a concluir, como bem mostrarão as praticas q̃ teue com Moyses, & Elias. Pois Senhor meu, se andais com hum negocio de tanta importancia entre as mãos, se andais em vesporas de cõcluir nam menos, que a redenção do mundo, como vos ides ao retiro do monte Thabor? Como tomais horas de recreação? Como vos pondes a ouuir vozes do Ceo? No meio de tão grandes cuydados Matth. 17

dos esse diuertimento? Si. Foy Christo alegrarse ao mõte Thabor, quando mais cuydadosamente trataua o negocio da redempção, para mostrar que não he contra a obrigação de Rey, nem de Redemptor, no meio dos maiores cuydados tomar hum dia de monte. *Duci in montana pars regni est:* disse discretamente Santo Hieronymo: Tomar hum dia de mõte, tomar hũa hora de recreação, no meio dos maiores cuydados, tambem he parte de Rey. Descançar para cançar mais, antes he ambição de trabalho, que desejo de descanço. Quãdo as potencias da alma estão tão fatigadas, justo he que se dè algum aliuio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palauras do Santo: *Pars regni est.* Se dissera Sam Hieronymo, que os moderados passatempos, sam priuilegios das magestades; se dissera, que sam gages do poder supremo: que sam diuertimentos licitos, & honestamente soberanos; bem estaua. Mas dizer, que sam calidades de Rey, & parte de reynar: *Pars regni est?* Si. Porque o principal attributo de reynar he attender no cuydado do Reyno; & tambem he parte de attender aos cuidados, descuidarse por hum hora delles. Para digerir o negocio, he necessario desafogar o animo: parte he logo de cuidado o diuertirse, quando o recrear os sentidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra proua mais que a do nosso Euangelho. Dous estados tene Sam Ioseph neste seu caso, hum de cuidadoso quando imaginaua, outro de diuertido quãdo dormia. Pergunto. E quando resolueo Sam Ioseph o negocio que tanta pena lhe daua? Quando? Quando se diuertio hum pouco delle. Quãdo cuidadoso imaginaua, tudo eram duuidas, tudo escrupulos, tudo perplexidades: quando se diuertio hum pouco dormindo, serenaramse as tempestades do animo, & disfez a verdade a confusaõ, que o trazia perplexo. De maneira que o demasiado cuydado lhe embaraçaua a resoluçam, & o moderado descanço lhe resolueo o cuydado. Quando deu a recreação aos sentidos, então achou a solução dos negocios.

D. Hieron.

gocios. *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E como tambem he parte de Rei, no meio dos maiores cuydados, tomar algũ descanço; por isso o Anjo quãdo achou dormindo a S. Ioseph, no meyo dos seus, lhe chamou filho delRey Dauid. *Ioseph fili Dauid noli timere.*

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta, que foy: Para que o Reyno tiuesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeiçoẽs reaes. Na aplicaçam dellas se me offerecia agora larga materia a hum agradauel discurso, se prègara noutro lugar. Mas aconteceume hoje o que a Plinio cõ a Magestade de Trajano, que a presença de tão moderado Principe lhe impedia a melhor parte de sua oração quasi offẽdendo cõ o silencio suas virtudes, por nam offender cõ o discurso sua modestia. Plin. *Orationem meam ad modestiam Principis moderationẽque submittam, nec minus considerabo quid aures eius pati possint quã quòd virtutibus debeatur.* E assi para q̃ os louuores sejaõ sô de S. Ioseph; & para q̃ senão falte da nossa parte ao reconhecimento agradecido das grandes obrigaçoẽs que lhe deuemos, saibamos que não sò foram influẽcias deste benigno Planeta as calidades do nacimento, senam a conseruação da vida, que sua Magestade logre por comprimissimos annos para que cõ temos muytos dias destes. Nenhum Rey teue mais arriscada a vida, & cõ ella o Reyno, que aquelles taes Reys que no nacimento de Christo o adorauaõ; porque estauaõ debaixo da jurdiçaõ de Herodes, & sogeito ás temeridades de sua tyrannia. Cõ tudo Deos os leuou por taes caminhos, que elles cõseruaraõ as vidas, & se restituiram a seus Reynos. Mas porque merecimentos? Ouui hũas palauras de sam Hieronymo de poucos atè hoje bem entendidas. Matth. 2. *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsũ Dominũ vt meritorum Ioseph priuilegiũ demonstraretur.* Ensinoulhes Hieron. Deos imediatamente o caminho por onde se hauiam de restituir saluos a seus Reynos, porque se vissem os priuilegios de S. Ioseph: *Vt Ioseph priuilegium demonstraretur.*

retur. Saluaremse os Reys a pezar do tyranno priuilegio dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como diz Sam Hieronymo, que não foy senão priuilegio de Sam Ioseph: *Vt priuilegium Ioseph demonstraretur?* Como Sam Ioseph era do Real sangue de Dauid, ainda por força natural do sangue estam tam vinculados seus merecimentos ao patrocinio das pessoas Reaes, que quando Deos guarda os Reys, fallo pelos priuilegios de S. Ioseph. Dos Reys foy o beneficio, mas de Sam Ioseph foy o priuilegio. *Vt Ioseph priuilegium demonstraretur.* Assi que conseruar Sua Magestade a vida, a pezar do tyranno dentro em suas proprias terras, & restituirse a seu Reyno por caminhos tão outros do que se podia esperar: *Per aliam viam reuersi sunt in regionem suam*; fortunas sam de Sua Magestade, mas forão priuilegios de Sam Ioseph. *Vt Ioseph priuilegium demonstraretur.* A Sam Ioseph deuemos a vida, & os annos do Rey que nos deu em seu dia.

Mas quero eu, por fim, que aduirtamos, que ainda que nos deu o Rey, & os annos, mais lhe deuemos pelos annos, que pelo Rey. Ora notai. O Reyno de Portugal, não se perdeo por falta de Rey; perdeose por falta de annos. Não se perdeo por falta de Rey, porq nas mãos de dous Reys se perdeo: nas mãos del Rey Dom Sebastiam, & nas mãos del Rey Dom Henrique. Perdeose porem por falta de annos, porque elRey Dom Henrique tinha tantos annos, que nos nam pode deixar successor: & elRey Dom Sebastiam tinha tam poucos, que sem nos deixar successor se foy matar a Africa. E como o Reyno se perdeo por falta de annos & não por falta de Rey, não deuemos tanto a São Ioseph pelo Rey como pelos annos. Porque nos deu hũ Rey de tal idade, & em tal mediania de annos, qual o hauiamos mister. Nem tam poucos annos como os del Rey Dom Sebastiam, porque auia mister mais annos o gouerno: nem tantos annos como os delRey D. Henrique, porque hauia mister menos annos a succeßam. Hũ Rey que

tiuesse

tiuesse viuido os annos que bastassem para a experiēcia, & q̄ lhe faltassem por viuer os annos, que saõ necessarios para a conseruaçaõ. Annos maduros para o cōselho, efficaces para a execuçam, robustos para o trabalho, fortes, & animosos para a guerra, em fim annos, que se ham de continuar com muitos, & felicissimos; que de baixo do patrocinio de Ioseph, nam ha annos infelices, ainda q̄ os prometa o tēpo. Pharaó sonhou sete annos de fartura, & sete de fome; pozse debaixo do patrocinio de Ioseph, & todos os quatorze annos foram de fartura. De maneira q̄ na protecçaõ do Rey auia annos felices, & infelices; mas na protecção de Ioseph os felices, & os infelices todos foram ditosos. Assi serão os annos q̄ esperamos (por mais q̄ o mūdo padeça calamidades) felices todos por fauor de S. Ioseph: felices na vida de Ss. Magestades, & Altesas: felices em gloriosas victorias de nossos inimigos: felices na cōseruação & perpetuidade de nosso Reyno: felices em fim na reformação dos costumes, & augmēto das virtudes Christãs, por meyo da graça.

Genes 33.

Quam mihi, & vobis, &c.

LAVS DEO.